

Homens que gestam: um estudo etnográfico sobre transparentalidades, reprodução e sexualidade¹

Anne Alencar Monteiro (UFBA/Bahia)

Palavras-chave: Parentesco; Homem trans; Reprodução

Resumo: Este trabalho trata das dinâmicas relacionais em torno da gravidez e da transgeneridade. Analiso como as formas de vivenciar a constituição do gênero em transição estão contextualizadas no mundo relacional que envolve a reprodução, a sexualidade e o parentesco, observando como esses processos são elementos importantes que conectam as pessoas. A questão da transgeneridade insere-se na pesquisa mais ampla, que iniciei no mestrado e dou seguimento com o doutorado. Neste trabalho tomo como base as análises das narrativas de homens trans, que conheci por meio de redes de sociabilidade. Nesta pesquisa busquei compreender os significados que os homens trans dão ao gestar, parir e amamentar seus bebês e como estes são incorporados às próprias narrativas de constituição da masculinidade. O foco desta análise está na experiência reprodutiva desses homens trans, sendo imprescindível contextualizá-la na relacionalidade, já que cada momento da transição de gênero marca a experiência da reprodução e a relação com os parentes, os amigos, os parceiros e parceiras sexuais. Assim, a transgeneridade é relacional, uma vez que, o processo de transição de gênero envolve também uma (re)criação das relações ligadas à esfera do parentesco. Com isso, eles rompem a associação direta entre feminilidade-gravidez-maternidade.

1. Introdução

Durante uma de nossas conversas Breno me conta como tenta conciliar a sua transição de gênero² e as mudanças em seu corpo com o fato de ter gestado sua filha. Breno é um homem trans³ de 27 anos que mora em Feira de Santana, uma cidade próxima

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

² “Transição de gênero” é uma expressão êmica utilizada para se referir ao processo de autoidentificação de gênero que pode estar acompanhado de diversas formas de transformações corporais, comportamentais e judiciais. Vale salientar que essa transição não ocorre de forma linear, nem homogênea. Cada homem trans utiliza ou não o que há disponível para compor seu gênero.

³ A categoria “homem trans” se refere às pessoas que foram inicialmente consideradas como “mulheres” ao nascer, a partir da observação de suas genitálias, mas que, no curso de sua constituição como sujeitos, se opuseram a essa determinação e se autoidentificam enquanto homens. Tal experiência é designada por uma diversidade de nomenclaturas como: trans homem, transman, FTM (sigla original do inglês *female-to-male*), transexual masculino e homem transexual. Há também o uso da categoria “pessoa transmasculina” que é utilizada para dar conta das pessoas que pensam e constroem suas identidades de gênero para além das categorias binárias, uma vez que essas pessoas tendem a não se identificar com a categoria homem, mas com as masculinidades, ou seja, enfatizam que há a possibilidade de vivenciar a masculinidade sem necessariamente ser uma vivência de homem. Essa experiência das transmasculinidades é marcada por diferentes formas de transformações corporais que podem incluir desde a utilização de roupas e acessórios considerados masculinos até as intervenções cirúrgicas e hormonais (ALMEIDA, 2012; ÁVILA, 2014).

a capital da Bahia. Ele possui cinco irmãos, filhos da sua mãe, sendo ele o filho mais velho. Atualmente desempregado, vive dos “bicos” que faz como ajudante de pedreiro. Engravidou aos 17 anos, mas pariu aos 18 quando já era “de maior”, na época ele ainda não se identificava como um homem trans. Para “criar” a filha Ana, de 10 anos, Breno conta com a ajuda financeira da mãe, com o auxílio do Bolsa Família e com a contribuição de 100 reais mensais do outro pai da Ana, com o qual ele não tem muita proximidade. Breno faz uso da testosterona⁴, ou simplesmente “T”, há mais ou menos 4 meses e usa o *binder*⁵ apesar de ter tido, nas palavras dele, “a sorte de ter peitos pequenos”. A seguinte reflexão feita por Breno ilustra o modo como os homens trans ao recriarem seu corpo e sua identidade cuidam de suas relações sociais, uma vez ele não seria “feliz o suficiente para terminar de criar a filha” se parasse com a transição de gênero:

Eu já pensei em parar [com a transição] sabe? Mas se eu parar agora ou se eu voltar para a caixinha do esquecimento eu não vou ser feliz o suficiente para terminar de criar ela [filha]. Porque tudo que eu faço é sempre pensando primeiro nela. Eu acho que até hoje se eu me privei tanto de ir buscar uma coisa que eu sabia que não era só o fato de eu gostar de garotas, que tinha algo a mais, foi por causa disso. Às vezes eu tinha medo, ainda tenho, mas hoje menos. Medo do que eu ia achar, medo do que eu poderia encontrar, dessa coisa do que o novo iria me proporcionar. Porque é uma coisa que você está no lado obscuro, aí chega uma parte que você vê que: “Nossa! isso é o que estava me faltando!”. Só que daí, isso aí já vai trazer outras consequências, ainda mais quando a pessoa tem filho. Porque eu já falei para mainha que as únicas opiniões que importam para eu tomar alguma decisão é a dela e de minha filha.

A preocupação de Breno nas consequências que a transição pode trazer para os outros demonstra que essa (re)criação não é feita sem tensões. Nesse sentido, este artigo trata das dinâmicas relacionais em torno da gravidez e das transmasculinidades. Análise como as formas de vivenciar a constituição do gênero para os homens trans, estão contextualizadas no mundo relacional que envolve a reprodução, a sexualidade e o parentesco. Observo como esses processos são elementos importantes que conectam ou desconectam as pessoas e como a transgeneridade pode ser relacional, uma vez que, o processo de transição de gênero dos homens trans envolve também uma (re)criação das

⁴ A maioria dos homens trans utiliza diferentes fármacos à base de testosterona, como Deposteron®, Durateston®, Androgel® ou Nebido®. A testosterona é muito valorizada entre eles, pois através do seu uso contínuo eles vivenciam mudanças significativas em seus corpos. As principais mudanças físicas observadas por eles são: o crescimento de pelos do rosto, formando barba e bigode; mudança no timbre da voz, que se torna mais grave; aumento da força muscular; aumento da libido sexual; mudanças no cheiro e densidade dos fluidos corporais e a interrupção da menstruação.

⁵ O *binder* é um colete ou faixa feito de tecido elástico que comprime e esconde o tamanho dos seios. É bastante utilizado pelos homens trans que ainda não realizaram a mastectomia.

relações ligadas a esfera do parentesco. Com base nas narrativas que serão apresentadas ao longo do texto fica evidente que mesmo não se identificando como homens no momento da gestação essa experiência é relatada como parte da transição de gênero. O significado que os homens trans dão ao gestar, parir e amamentar seus bebês é incorporado a própria narrativa de constituição da masculinidade. Assim, o foco desta análise está na experiência reprodutiva desses homens trans, que por sua vez é imprescindível contextualiza-la na relacionalidade, já que cada momento da transição de gênero marca a experiência da reprodução e a relação com os parentes, os amigos, os parceiros e parceiras sexuais.

Essas reflexões tomam como base um trabalho mais amplo que se originou na minha dissertação (MONTEIRO, 2018) e que dou continuidade no doutorado que está em andamento. Nesta pesquisa analisei as dinâmicas relacionais de parentesco que envolvem as transformações corporais, a sexualidade e a reprodução para homens trans que passaram pela experiência da gestação. Minhas inspirações teóricas estão fundamentadas nos estudos sobre gênero e relacionalidade ou *relatedness* (CARSTEN, 2000; 2004) e sobre aquilo que ficou conhecido na Antropologia como “novos estudos de parentesco”, que se desdobraram a partir das críticas feitas por Schneider (2016) e pelas antropólogas feministas como Yanagisako e Strathern (FONSECA, 2003). Os estudos de parentesco não se tornaram obsoletos após as críticas de Schneider (2016). Bamford (2019) demonstra que há uma falsa ideia ou um “senso comum” disciplinar de que os estudos de parentesco desapareceram após tais críticas. Contudo, nas últimas décadas, houve uma ampliação do conceito e um esforço de demonstrar que os laços de parentesco não são estabelecidos somente pela reprodução biológica, mas que existem outras maneiras de estabelecer tais conexões (BAMFORD, 2019). Certamente parentesco hoje não tem o mesmo significado que tinha no século passado. Com isso, os estudos mais recentes nessa área tem renovado suas ferramentas analíticas e metodológicas para dar conta de analisar tais conexões que estão sujeitas a contínuas mudanças (BAMFORD, 2019), como é o caso do parentesco que envolve pessoas gays, lésbicas, queer e trans. Assim, é a partir desse movimento de ampliação e renovação dos estudos de parentesco que se insere a análise desta etnografia.

Para dar conta das vivências e experiências dos homens trans utilizei três estratégias metodológicas para fazer a atividade de campo: observação participante nos espaços de sociabilização de homens trans na cidade de Salvador, na Bahia; exploração na internet a

partir do uso das mídias digitais⁶ acessando páginas, perfis, grupos no *Facebook* e no *Instagram*, canais do *Youtube*, sites que produzem notícias sobre homens trans e conversas pelo *Whatsapp*⁷; e realização de entrevistas individuais semiestruturadas em profundidade com homens trans. Todo o processo de pesquisa de campo durou um ano e meio e aconteceu entre os meses de setembro de 2016 a abril de 2018⁸. Oito homens trans foram os protagonistas da etnografia. A maioria são homens trans entre 22 e 43 anos, que se autoidentificaram enquanto heterossexuais, sendo três que se autodeclararam como negro, dois como pardo e três como branco. A maioria possui ensino médio completo e está desempregado, três estão na faculdade e um já concluiu a graduação. Mais detalhes sobre suas vidas serão apresentados ao longo do texto.

A pesquisa de campo foi realizada tendo como base os aspectos éticos das pesquisas qualitativas do tipo participante, que envolve seres humanos (SCHMIDT, 2008) e por se tratar de uma etnografia busquei seguir o Código de Ética da antropóloga e do antropólogo elaborado pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA, 2012). A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia (CEP/ISC/UFBA) e consta com registro na Plataforma Brasil através do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) de número 80280117.9.0000.5030. Com isso, optei por utilizar nomes fictícios ao me referir aos homens trans e às pessoas que eles citam, com o objetivo de preservar suas identidades.

⁶ Esta pesquisa compreende as mídias digitais como sendo “[...] uma forma de se referir aos meios de comunicação contemporâneos baseados no uso de equipamentos eletrônicos conectados em rede, portanto referem-se – ao mesmo tempo – à conexão e ao seu suporte material. Há formas muito diversas de se conectar em rede e elas se entrecruzam diversamente segundo a junção entre tipo de acesso e equipamento usado. Por exemplo, é possível conectar-se por meio do uso de rede de telefonia fixa, *wi-fi* ou rede celular assim como essas formas de conexão podem se dar por computadores de mesa, portáteis, celulares ou tablets. É muito diferente acessar a rede por meio de um computador fixo em uma *lan house* usando linha telefônica ou acessá-la com o uso de um *smartphone* pela rede celular. Dentre os elementos que variam destacam-se a frequência de acesso, a mobilidade, a velocidade da conexão e o tipo de redes em que o usuário se insere.” (MISKOLCI, 2011, p.12)

⁷ O *Youtube*, *Facebook*, *Instagram*, *Whatsaap* são espaços de relacionamentos virtuais onde ocorre formas de interação que permitem ter conversas coletivas, privadas e o compartilhamento de áudios, vídeos ou fotos.

⁸ Embora eu considere esse intervalo de tempo para a pesquisa de campo, minha aproximação e convivência com os homens trans ocorreu anteriormente ao início dessa pesquisa. Foi durante o “I Encontro de Homens Trans do Norte e Nordeste” que foi organizado pela Associação Brasileira de Homens Trans (ABHT) e que ocorreu em João Pessoa – Paraíba, em 2013. Nesse encontro conheci alguns homens trans com os quais mantive contato. Essa viagem foi fundamental para mim, pois conheci também namoradas, namorados, amigos e amigas de homens trans, com os quais pude conversar bastante e aprender com suas experiências. Foi o primeiro espaço em que consegui participar, mais proximamente, da vida cotidiana dessas pessoas e, desde então, venho mantendo contato e construindo uma rede de afeto e amizade com elas.

Comecei meu trabalho de campo com o interesse de analisar as relações de parentesco que envolviam homens trans que haviam gestado seus próprios filhos e filhas. Contudo, à medida que ia avançando na pesquisa de campo percebi que o corpo tinha uma centralidade em suas relações. Frequentemente eu presenciava conversas sobre aquilo que eles chamam de transição de gênero, que envolve determinados processos de transformações corporais a partir do uso de fármacos à base de testosterona, uso do *binder*, *packer*⁹, acessórios masculinos, loções para crescer a barba¹⁰ e realização de cirurgias. A principal cirurgia realizada e a mais desejada pelos homens trans é a mastectomia ou mamoplastia masculinizadora, que visa masculinizar o tórax a partir da retirada dos seios. Além da mastectomia, outras cirurgias podem ser feitas, como a histerectomia, que consiste na retirada do útero, e a cirurgia de redesignação sexual. Essas cirurgias são feitas com menos frequência, sendo a última menos almejada, pois, segundo eles, os resultados são insatisfatórios. Assim, homens trans podem engravidar, caso não tenham realizado a histerectomia ou a cirurgia de redesignação sexual. Muitos homens trans não são estéreis, mas o uso dos seus órgãos reprodutivos pode significar uma transgressão ao gênero escolhido. Afinal, uma gestação pode ser vista como um ato incompatível com sua identidade masculina, pois a gravidez é compreendida, de uma forma geral, como uma antítese ao que é ser homem, uma vez que ser um homem é sinônimo de não engravidar (HÉRAULT, 2011). Contudo, para os homens trans com os quais eu convivi, a gravidez não significou ser “menos homem”. A experiência da gestação narrada por eles está diretamente relacionada com a dinâmica corporal que envolve o percurso de transição, as diversas experiências sexuais e a relação com parentes e amigos. Antes de analisarmos em mais detalhes essas experiências é preciso evidenciar que dos homens trans que convivi somente um engravidou após a autoidentificação enquanto homem e seis engravidaram antes da transição. As narrativas dos que engravidaram antes se diferenciam a partir das suas identidades sexuais no momento da gestação, ou seja, três deles estavam em um relacionamento heterossexual quando gestaram e três se reconheciam enquanto mulheres lésbicas no momento da gestação. Essas informações serão exploradas nas narrativas a seguir.

⁹ Os *packers* são próteses penianas que podem ser fabricadas em vários tamanhos, estilos, materiais e servem para fazer volume na roupa, para urinar em pé, para ter relações sexuais, podendo ser facilmente adquiridas em lojas virtuais ou em sex shops. Alguns homens trans fazem o *packer* com meias emboladas e dobradas para que simulem o volume do pênis na roupa.

¹⁰ Alguns homens trans utilizam o Minoxidil®, um vasodilatador que estimula o crescimento da barba e do bigode.

2. Homens que engravidam

Gustavo é um homem trans Gustavo de 25 anos, é graduado e trabalha em uma UTI neonatal, nunca utilizou o binder, tem pouco mais de um ano utilizando a testosterona, começou fazendo o uso do Androgel® e depois migrou para a Durateston®. Ele engravidou antes da transição e tem uma filha de cinco anos chamada Manu. Gustavo nasceu na capital de São Paulo e mora lá até hoje com sua filha e próximo dos seus parentes. Quando pedi que me contasse sobre como engravidou, ele trouxe em sua narrativa elementos importantes sobre a relação com sua família. Ele relatou que por conta da pressão de seus familiares, principalmente de sua mãe, começou a frequentar a igreja e lá conheceu um rapaz com o qual começou a namorar para “manter a aparência para a família”. Ele conta como foi sua experiência:

Aí um dia quando eu já tinha tido a Manu [sua filha], eu consegui buscar ajuda para poder me entender. Eu via que assim, eu estava vivendo uma farsa, porque eu ia para a igreja, mas não era aquilo. Como eu nunca tinha tido experiência de relacionamento com homem e eu estava indo para a igreja e minha mãe pediu para eu conhecer um rapaz e eu conheci esse rapaz que é o pai da minha filha. E aí alguma coisa não batia. [...] Eu tinha carinho por ele e aí em troca de ter a aparência para a minha família e para todo mundo a gente mantinha relação de namorado [...]. Eu era virgem até então. [...] E aí teve uma vez que ele chegou em mim e disse: “Olha, é o seguinte, eu sou homem, tenho minhas necessidades. Ou a gente parte para uma coisa muito mais séria ou então pra mim não vai dar mais.” Aí eu falei: “Putá merda e agora? Não vai ter jeito.” E aí foi quando eu tive a minha primeira relação sexual, que foi quando veio o nascimento da Manu.

Vitor também conta que mesmo se sentindo “diferente” namorou com o Eduardo com quem teve sua filha. Vitor tem 30 anos, nasceu em São Paulo onde morou até os 13 anos, em seguida foi morar com sua mãe no Paraná por conta do emprego dela. Filho de pais separados e caçula de três irmãos, Vitor faz faculdade de direito pela manhã e trabalha pela tarde em uma empresa. Ficou grávido da sua filha Luana quando tinha 18 ou 19 anos. Nesse período ele ainda não se autoidentificava como homem trans. Hoje sua filha tem 12 anos. Vitor começou a reposição hormonal entre 2015 e 2016, faz uso de *binder*, e sonha com a mastectomia. Atualmente mora com a mãe e a filha em São Paulo. Ele conta como ocorreu sua gravidez:

Quando eu engravidei eu ainda era uma pessoa hetero e cis. Eu demorei muito para ter coragem para tomar algumas posturas, mesmo eu me sentindo diferente e tinha aquela coisa toda da família. Eu comecei a namorar o Eduardo quando eu tinha uns 14 ou 15 anos, mais ou menos. Ele é mais velho, ele já era maior de idade. Mas era um namorinho de portão, não era assim aquela coisa, não era nem um pouco adultizado.

[...] Então foi isso que de certa forma favoreceu nosso relacionamento, apesar de que eu ainda não tinha esses conflito [da transgeneridade] à tona. [...] Eu engravidei quando eu tinha uns 18 ou 19 anos. É um susto, é um baque, eu não estava esperando. Depois que passou o choque, eu curtir bastante a ideia. [...] A nossa separação foi por outros motivos que não tem relação nem com a questão afetiva, nem com a questão de identidade de gênero, foram outras circunstancias que levaram a isso. Depois que a gente se separou, que eu passei por esse processo de reorganizar a minha vida e aí na sequência que eu comecei a me relacionar com mulheres.

Fica evidente nas narrativas a cima que para Gustavo e Vitor que engravidaram antes de se autoidentificarem como homens o que justifica o relacionamento que culminou na gestação é a “pressão da família”. Para se manter uma “aparência” ou mesmo por não saber dar sentido ao sentimento de “diferença”. Já para os que engravidaram antes da transição mas se identificavam como lésbica há uma tensão entre o ser lésbica e a gravidez. Essa tensão fica evidente na relação sexual com homens cisgêneros¹¹, o que por um momento poderia colocar à prova sua identidade lésbica. Para aqueles que escolheram engravidar como é o caso de Marcelo as pessoas o questionavam:

Eu sempre tive o desejo de ter filho. [...] Aí eu disse que já estava na hora, porque depois a gente fica velho e o risco de gerar uma criança é maior. [...] E cheguei e falei [para ex-esposa] poxa vamos ter um filho, só que ela não queria engravidar e eu não via problema nenhum em ter um filho. E aí o pai do Joaquim [filho] era muito amigo nosso e eu falei: “poxa, a gente está decidindo aqui que gostaria de ter um filho e eu acho que você é o pai ideal para meu filho.” Pronto. Transamos de boa, engravidei do Joaquim. [...] E na época que engravidei eu recebi muitas críticas porque as pessoas que diziam ser minhas amigas falavam que nunca tinha visto um sapatão ter filho, que isso não existia. Eu dizia que não tem problema nenhum a gente gerar um filho se a gente pode. Se eu tivesse dinheiro a gente faria inseminação, como eu não tenho e nem ela tinha a gente foi fazer pelo meio natural e isso aí eu não vejo problema nenhum. E a minha ex dizia que não queria [engravidar]. Mas eu quero. Eu perguntei a ela se ela ia achar uma traição da minha parte ou falta de amor. Ela disse que não. Porque a gente só tinha duas situações para eu gerar um filho: inseminação ou natural.

Marcelo é um homem trans negro de 43 anos. O conheci em Setembro de 2016 durante uma roda de conversa realizada por um coletivo de pessoas trans da cidade de Salvador. Marcelo nasceu em Minas Gerais, mas passou sua infância e adolescência no Morro da Providência no Rio de Janeiro. Resolveu se mudar para Salvador quando conheceu a Rosana, sua esposa, através de um site de relacionamentos na internet. Ele

¹¹ Cisgênero ou simplesmente “cis” é um termo usado para referir-se às pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído ao nascimento. Esta expressão é utilizada para fazer referência às pessoas que não são trans e é utilizada para substituir termos como “mulher/homem verdadeiros” ou “mulher/homem naturais” (JESUS, 2012).

engravidou aos 23 anos e apesar de só ter gestado o Joaquim, ele assume também os dois filhos da Rosana. Marcelo é aposentado por questões de saúde, mas complementa a renda familiar trabalhando como “cobrador de van” (um transporte público alternativo que circula em alguns bairros da cidade) e Rosana não trabalha. Na época em que conheci o Marcelo ele morava junto com a companheira e os três filhos em um bairro popular em Salvador. Marcelo tem pouco mais de um ano que começou a transição, mas tem poucos meses que faz uso da testosterona. Já a história do Leo é distinta das apresentadas aqui. Leo tem 45 anos e mora em São Paulo, tendo passado a infância em um sítio localizado no interior. Possui duas irmãs e um irmão, sendo ele o filho mais velho. Atualmente desempregado, Leo sobrevive das vendas de seus artesanatos. Ele é pai da Priscila e avô da Camila. Quando Leo tinha 19 anos, ele foi vítima de um estupro corretivo¹², que acabou ocasionando a gestação, diante da qual ele optou por não abortar. Na época ainda não se identificava enquanto homem trans, mas como lésbica. Hoje Leo mora sozinho, mas conta que já foi casado com uma mulher, quando Priscila era criança. Quando Camila, sua neta, nasceu, eles moraram um tempo juntos, mas depois Priscila decidiu se mudar. Durante nossas conversas ele me contou sobre sua experiência com a gravidez. Fica evidente em sua narrativa que não só o estupro tinha a função de “corrigir” a sua sexualidade, mas a sua gestação foi interpretada por sua mãe como algo que também iria “corrigir” a sua masculinidade. Mas não foi isso que aconteceu. O que se sucede é uma experiência marcada pela tensão entre a “masculinidade latente” nesse momento da vida e a gestação:

Não foi uma gestação tranquila porque na minha cabeça, homem não engravidava e na minha cabeça eu era um homem, as mudanças corporais elas me afetavam muito. Quando eu ia comprar roupas, as roupas de gestante era só vestido, vestido. Eu falei não, não vou. Aí fui numa costureira e mandei fazer uns macacões assim, bem masculinos. Eu lembro que eu estava tomando banho e de repente começou a sair leite do meu peito e eu comecei a gritar: “mãe socorro! Está acontecendo alguma coisa errada!”. E aí minha mãe falou: “para de ser besta, isso é leite”. Quando eu estava fazendo o pré-natal, eu fiz o pré-natal certinho, eu lembro de ter conversado com o médico e falado pra

¹² O estupro corretivo é uma prática comum contra mulheres cisgêneras que são lésbicas masculinizadas. Esse tipo de violência pode ser caracterizado como uma prática de estuprar lésbicas para “curar” sua sexualidade. O agressor pune a pessoa por descumprir a obrigatoriedade da heterossexualidade, buscando obrigá-la, através da coerção, que se adeque às normas sexuais (SOARES, 2016). Os homens trans também podem ser vítimas dessa violência, uma vez que, ao construírem suas masculinidades em um corpo que é visto socialmente como feminino, estão sujeitos a serem estuprados para que “consertem” sua identidade de gênero e voltem a ser “mulheres de verdade”.

ele que jamais, em momento algum eu faria parto normal, que eu pagaria a cesária.

Em diálogo com a narrativa de Leo, percebi que a gravidez transmasculina complexifica as fronteiras entre a feminilidade (aqui posta pela gravidez) e a masculinidade (aqui representada pelo “sentir-se homem”). Para Breno, por exemplo, continuar utilizando roupas largas, performando uma masculinidade durante a gravidez se tornava cada vez mais difícil:

Eu sempre gostei de usar roupas largas. Aí quando eu engravidei e continuei usando minhas blusas largas e o povo ficava falando que eu estava querendo esconder a gravidez.

Já para Gustavo a pior parte da gestação foi a amamentação por conta da “disforia com o peito”:

Graças a Deus a gestação foi bem tranquila. Quando a Manu nasceu ela foi uma recém nascida bastante tranquila, não tinha cólica, dormia a noite inteira, acordava de três em três horas para mamar como é o normal. Mas para mim foi bem difícil na parte da amamentação. Porque eu sempre tive uma disforia muito grande, nem sei porque tem gente que não gosta de usar esse termo. Então, disforia, desconforto em relação ao meu peito. Então, eu amamentava ela chorando e ela não tinha uma pega muito boa, acabou machucando um do bicos e aí sangrava, foi bem horrível. Eu falo que essa parte de gestação, barriga, ficar em consulta, ficar fazendo aquele maldito exame de toque, foi péssimo.

Com base nas narrativas apresentadas até agora podemos perceber que mesmo não se identificando como homens no momento da gestação, essa experiência faz parte do processo de transição. O significado que esses homens dão ao gestar, parir e amamentar seus bebês é incorporada a própria narrativa de constituição subjetiva da masculinidade. Para Júlio também não foi muito diferente mesmo já se autoidentificando como homem trans no momento da gestação. Júlio tem 22 anos e morou a vida inteira em uma cidadezinha que fica na zona norte do Estado de São Paulo. Filho de pais separados, tem três irmãos, dois por parte de mãe e um por parte de pai. Identifica-se como homem há mais ou menos 4 anos e fez o uso da testosterona Androgel® durante dois meses e meio, mas resolveu parar. Nesse intervalo, Júlio acabou engravidando e teve seu primeiro filho, Davi, que hoje está com um pouco mais de um ano. Ele conta que engravidou do seu amigo “por acidente”:

Quando eu engravidei eu já me reconhecia como homem e na época fazia dois meses e meio usando o androgel [...]. E eu parei, parei para começar da forma correta, porque eu fazia por conta própria e nisso eu acabei engravidando. [...] Não foi algo planejado. Era um sonho que eu queria realizar futuramente, um pouco mais pra frente, depois que eu

terminasse a faculdade. Mas eu acabei transando com meu melhor amigo, que hoje não é mais. Ele é um pai péssimo. Mas eu nunca tinha transado com um homem cis, eu era virgem, digamos assim. Foi um momento que a gente bebeu e transamos sem camisinha. Uma falha humana, aí aconteceu. Ele foi meu namorado quando eu era fulana, aí eu terminei porque estava descobrindo que gostava de mulheres, aí eu me transformei no Júlio e a gente ficou, a gente transou eu sendo Júlio.

Com isso, a vivência da gestação está contextualizada e construída com base na relação com as outras pessoas. É relevante para os homens trans o que suas mães pensaram no momento em que contaram sobre a nova gravidez e também a leitura social que as pessoas fizeram desse momento, principalmente através das roupas que escolheram usar durante a gestação. A experiência desses homens trans se aproximam das experiências de jovens negras de Salvador analisadas por McCallum e Reis (2006) e das mulheres de Riachão no Sul da Bahia acompanhadas por Rezende (2015), pois essas experiências aparecem, também, relacionadas com contextos mais amplos que envolvem a família, os profissionais de saúde, o Estado. Nesse sentido amplo, gestação e parto é compreendido como um processo relacional (MCCALLUM; REIS, 2006). Contudo, diferente dessas mulheres, os homens trans dão sentido a reprodução como uma experiência que constitui suas masculinidades. Eles narram esse momento a partir de elementos que remetem a construção do que é ser homem para eles. Assim, a gestação não deve ser compreendida como um fenômeno biológico restrito a feminilidade ou que possui uma associação direta com a maternidade. Engravidar também faz parte do que é ser esse tipo de homem. É notório que os homens trans complexificam as categorias binárias de gênero ao, por exemplo, trazer para o rol das masculinidades a gravidez, a amamentação e o parir. Contudo, essa complexificação ocorre dentro dos contextos sociais que esses homens vivem o que pode gerar conflitos e violências. Esse foi um tema recorrente nas diversas histórias que ouvi, que serão aprofundadas no próximo tópico.

3. Transmasculinidades, dinâmicas relacionais e gestação

A questão do conflito com a família (principalmente com a de origem) é recorrente quando se trata de pessoas LGBTQIA+, sobretudo a partir da revelação pública da identidade sexual ao “sair do armário”, fato que caracteriza a particularidade da homofobia familiar (SCHULMAN, 2010). Alguns dos homens trans que assumiam uma identidade lésbica antes da transição de gênero narraram o momento de saída do armário da sexualidade para algum membro familiar. Essa experiência é marcada por violência e

constrangimento. A família de Marcelo, por exemplo, não aceitou a sua sexualidade e muito menos a sua identidade de gênero. Foi sempre muito difícil para ele conversar com a mãe sobre esse assunto. Durante uma de nossas conversas ele me contou que na adolescência ele assumiu uma identidade lésbica para a mãe e a primeira reação dela foi agredi-lo fisicamente. “De lá pra cá eu vim travando essa luta toda com ela e com minha família e depois que eles viraram evangélicos tudo piorou”. Além da sexualidade muitos homens trans precisam também “revelar” diante da família a sua identidade de gênero. A revelação pública da transgeneridade, principalmente para alguém da família, também envolve conflitos e tensões. Alguns homens trans, como Júlio, não contam diretamente e simplesmente vão mudando:

Me assumi diante da família foi muito bizarro. Eu nunca cheguei para a minha família e falei: “Eu sou transgênero”. Não, eu nunca fiz isso. Eu simplesmente fui mudando. Mudei rede social, mudei meu visual, eu pedia para me chamar de Júlio. [...] para os meus pais eu nunca cheguei a esse ponto de falar essas coisas. Eu só falei que eu era lésbica quando eu me assumi e foi muito difícil, bem difícil. Meu pai que é tudo para mim, literalmente tudo, ele se afastou, ficamos mais ou menos três meses sem se falar. Com a minha mãe eu não fazia muita questão, porque ela nunca foi muito presente na minha vida. Valia mais a opinião do meu pai do que da minha mãe. Hoje ele é mais de boa. Antes ele falava que eu era doente, que eu precisava me tratar, que eu sofri algum abuso [...]. Hoje ele ainda acha que eu sou doente, mas ele não fala mais, ele falava antes. Hoje ele meio que se conformou. Ele fala pra mim que não tem mais o que falar, porque eu já sou adulto e se é o que me faz bem é o que importa para ele.

Os homens trans com os quais conversei vivem num jogo constante de assumir sua identidade de gênero. Esse jogo fica cada vez mais complexo quando se adquire cada vez mais a “passabilidade cis”¹³. O que pode garantir, por um lado, que pessoas trans “passem” despercebidas em determinados espaços, mas isso não as isenta da ameaça constante da violência que podem sofrer caso suas identidades sejam “reveladas”. Segundo Eve Sedgwick (2007) os armários são constantemente construídos para pessoas gays e lésbicas, pois a cada novo encontro, a cada nova pessoa conhecida ou cada começo de trabalho em um lugar diferente, exige que pessoas gays e lésbicas façam sempre cálculos se devem ou não “se assumir” naquele novo espaço. Obviamente o armário não é uma característica exclusiva da vida de pessoas lésbicas e gays cisgêneras. Utilizo aqui a metáfora do armário na tentativa de compreender melhor o que meus interlocutores

¹³ Passabilidade cis é um termo utilizado pela comunidade trans para se referir ao processo em que a pessoa trans passa a ter uma leitura social de acordo com o gênero ao qual se identifica, passando despercebida em meio a cisgêneridade sem ter seu gênero questionado (SANTANA, 2019).

vivenciam em suas famílias ao ter que lidar constantemente com a “revelação” de sua identidade de gênero. O que observei é que ao revelarem suas identidades há uma tensão nas relações, como descreve Breno:

Porque quando eu falei a ela [mãe] em relação a começar a transição ela disse: “é isso, você tem que pensar na sua filha, você senta e conversa com ela.” [...] Quando eu falei que era homem trans para a minha mãe, ela nem parou para ouvir direito. Na época ela estava na igreja e olhou pra cima e disse: “Senhor, se fosse para eu ter um varão, um filho mais velho, porque o senhor não me deu?” E eu estava do lado dela e aquilo me machucou bastante. [...] Eu deixei muita gente de mão que não me apoiaram, que me apedrejaram, que começaram a me julgar, inclusive gente de dentro da minha própria família.

Nesse sentido, a transgeneridade se torna a balizadora das relações de parentesco em que o corpo ganha centralidade. Marcelo, por exemplo, conta como sua família reage ao achar que ele já estava com barba:

Os meus parentes do Rio não me respeitavam enquanto lésbica, imagina hoje. Eles vão dizer que eu estou possuído pelo diabo, então eu não quero passar por isso, eu não preciso sofrer mais. Então eu excluí e bloqueei do Facebook. Para você ver, eu tinha baixado um aplicativo pelo celular para colocar barba na foto, fiquei me divertindo vendo como eu iria ficar. Aí tinha uma foto que estava bem parecida com uma barba verdadeira e postei a foto. Rapaz, minha tia viu e isso deu um babado lá em casa. Minha tia pegou e mandou a foto para o *Whatsapp* de meu irmão que mostrou a minha mãe. Meu irmão me passou um *Whatsapp*: “quer dizer que agora você está de barba?” Eu disse que ainda não, mas daqui a pouco sim. Esse pessoal é idiota, porque eu tinha uma foto do dia anterior sem e no outro dia eu estou com a barba cheia [risos]. Aí minha mãe fica falando que na vida pessoal tudo bem, mas que não é para eu colocar isso no face. E foram inventar de dizer para ela que eu ia fazer a cirurgia, ela veio me perguntar se eu já tinha cortado o peito fora, ficou falando para eu não fazer, porque eu nasci assim. Aí eu vou lá e desligo o telefone. Aí ela veio me perguntar se eu já tinha feito, eu disse que não, porque não tenho 15 mil para dar [...]. E ela disse que se eu quiser andar assim, ser desse jeito, que seja bem longe dela.

Contudo, apesar dos relatos de violência por parte de algum membro da família os homens trans que conversei mantêm proximidade com a rede de parentesco.

A aceitação ou rejeição por parte de algum membro da família significa estar disposto, ou não, a mudar as formas e as modalidades de relacionamento junto com as mudanças corporais. Kath Weston (1991) observa, no caso de pessoas gays e lésbicas, como a revelação da identidade sexual diante da família revela a própria relação de parentesco, em que a “aceitação” confirmaria a ideia de solidariedade e amor que compõe o parentesco e a “rejeição” romperia com os laços familiares. Assim, o que se inicia como uma aparente jornada ao autoconhecimento (sou gay ou sou lésbica) acaba revelando na

realidade o que o outro é para mim. No caso dos homens trans, ter sua identidade de gênero negada significa também romper com alguns laços familiares. E ter sua identidade “aceita” implica que as pessoas ao seu redor participem do processo de transição, aceitar implica transicionar junto.

Assumir uma nova forma de ser e estar no mundo a partir das transmasculinidades tem impactos significativos nas relações com outras pessoas, principalmente naquelas que são consideradas enquanto parte da família ou como sendo parentes. Para Vitor a transição nunca é solitária, as mudanças vivenciadas por ele também são mudanças coletivas:

Quando uma pessoa está em transição todas as outras pessoas em volta dela também estão em transição. Cada um no seu tempo, cada um no seu entendimento, cada um no seu ritmo, cada um com seus pontos. Eu tive que lidar com a minha transição e também tive que lidar com a transição de cada um, o que cada um estava absorvendo dessas minhas mudanças e como isso refletia nas suas rotinas, a maneira como me enxergava antes, a maneira como me tratam agora. A minha mãe demorou um tempo para absorver, para processar. Tem um dos meus irmãos que para ele foi automático, foi na hora. Uma transição reflete em outras transições de amigos próximos, eventualmente se você estiver trabalhando, toda a sua vida muda por conta das mudanças que você está fazendo em si. Isso é uma espécie de espelho, então tudo que você faz pra você, as mudanças que você está sofrendo vai acabar refletindo na vida dos outros.

A transgeneridade aqui não aparece como um fenômeno desassociado da relação com os outros, inclusive ela pode ser fundamental para o outro e não só para si mesmo. No relato de Breno mencionado no início deste texto a transgeneridade aparece como algo necessário para que ele possa continuar exercendo seu papel de cuidador da filha: “se eu parar agora [...] eu não vou ser feliz o suficiente para terminar de criar ela.” Com isso, os processos corporais não são desassociados das relações com as outras pessoas. Isto não é exclusivo das experiências e vivências trans, mas é pertinente pontuar para não pensarmos na transgeneridade como um processo somente individual e egocêntrico (HERAULT, 2016). Nesse sentido, as relações de parentesco podem ser mutáveis e enquanto esses homens trans estão construindo seus corpos, eles estão (re)construindo relações sociais e por conseguinte novas relações de parentescos.

REFERÊNCIAS

- ABA. Associação Brasileira de Antropologia. **Código de ética do antropólogo**. 2012. Disponível em: <<http://www.abant.org.br/?code=3.1>>. Acesso em: 13 de agosto de 2017.
- ALMEIDA, Guilherme. 'Homens trans': novos matizes na aquarela das masculinidades. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p.513-523, maio 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000200012>>. Acesso em: 26 mar. 2013.
- ÁVILA, Simone. **Transmasculinidades: A emergência de novas identidades**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.
- BAMFORD, Sandra. Introduction: Conceiving Kinship in the Twenty-First Century. In: BAMFORD, Sandra (ed.). **The Cambridge Handbook of Kinship**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019. p. 1-34.
- CARSTEN, Janet. **After Kinship**. Cambridge: Cambridge, 2004.
- CARSTEN. Introduction: Cultures of relatedness. In: CARSTEN, Janet (Org.). **Cultures of relatedness: new approaches to the study of kinship**. UK: Cambridge University Press, 2000. p. 1-20.
- FONSECA. De afinidades a coalizões: uma reflexão sobre a “transpolinização” entre gênero e parentesco em décadas recentes da antropologia. **Ilha: Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 5, n. 2, p.05-31, jun. 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/15356>>. Acesso em: 27 set. 2015.
- HÉRAULT, Laurence. **Le mari enceint: construction familiale et disposition corporelle**. **Critique, Centre National des Lettres**, p.48-60. 2011.
- JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: Conceitos e termos**. Brasília: E-book. 2012.
- MCCALLUM, Cecília; REIS, Ana Paula dos. Re-significando a dor e superando a solidão: experiências do parto entre adolescentes de classes populares atendidas em uma maternidade pública de Salvador, Bahia, Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 7, p.1483-1491, jul. 2006.
- MISKOLCI. Novas conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais. **Cronos: Revista de Pós-Graduação de Ciências Sociais**, Natal, v. 12, n. 2, p.09-22, dez. 2011.
- MONTEIRO, Anne Alencar. **Homens que engravidam: um estudo etnográfico sobre parentalidades trans e reprodução**. 2018. 137 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.
- REZENDE, Patrícia de Souza. **A reprodução enquanto um processo biossocial: estudo etnográfico em uma vila do baixo-sul baiano**. 2015. 225 f. Tese (Doutorado) - Curso de Saúde Pública, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.
- SANTANA, Bruno Silva de. Pensando as Transmasculinidades Negras. In: RESTIER, Henrique; SOUZA, Rolf Malungo. **Diálogos Contemporâneos Sobre Homens Negros e Masculinidades**. Ciclo Contínuo Editorial: São Paulo. 2019. p. 95 - 103.
- SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval. Aspectos éticos nas pesquisas qualitativas. In: GUERRIERO, Iara Coelho Zito; SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; ZICKER, Fabio

(Org.). **Ética nas pesquisas em ciências humanas e sociais na saúde**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008. p. 47-52.

SCHNEIDER, David. **Parentesco Americano**: uma exposição cultural. Petrópolis: Vozes, 2016.

SCHULMAN, Sarah. Homofobia familiar: uma experiência em busca de reconhecimento. **Bagoas**, Natal, v. 1, n. 5, p.67-78, 2010.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 28, n. 1, p.19-54, jan. 2007

SOARES, Gilberta Santos. **Sapatos tem sexo?** metáforas de gênero em lésbicas de baixa renda, negras, no Nordeste do Brasil. 2016. 278 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós Graduação em Estudos Interdisciplinares Sobre Mulheres, Gênero e Feminismos do Núcleo de Estudos da Mulher, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

WESTON, Kath. **Families we choose**: Lesbians, gays kinship. New York: Clumbia University Prees, 1991.